



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

AIDS E RELIGIÃO: APONTAMENTOS SOBRE REPRESENTAÇÕES CATÓLICAS DA SEXUALIDADE EM TEMPOS DE AIDS¹

*AIDS and Religion: notes on catholic representations
of sexuality in times of AIDS*

Sandra Duarte de Souza²

Resumo: O presente artigo aborda o tema AIDS e religião, tratando especificamente das representações católicas construídas em torno desse assunto e de suas implicações para a dinâmica da sociedade. Nele são discutidas algumas representações culturais dominantes acerca da AIDS, os sistemáticos intentos de regulação religiosa da sexualidade, as representações religiosas da AIDS e sua relação com as representações religiosas da sexualidade, e as dissonâncias nos discursos e nas práticas católicas a respeito deste tema. No conjunto, a proposta do artigo é fazer alguns apontamentos sobre o lugar da religião, no caso, do catolicismo, no debate mais amplo sobre a AIDS, que não pode estar alheio a essa discussão.

Palavras-chave: AIDS. Catolicismo. Representações religiosas. Sexualidade.

Abstract: This article deals with the theme of AIDS and religion, dealing specifically with the Catholic representations constructed around this issue and their implications for the dynamics of society. Discussed in it are some dominant cultural representations about AIDS, the systematic attempts of religious regulation of sexuality, and the dissonance in the discourse and the Catholic practices with respect to this theme. On the whole, the purpose of the article is to make some annotations about the place of religion, in this case of Catholicism, in the broader debate about AIDS, from the discussion of which it cannot remove itself.

Keywords: AIDS. Catholicism. Religious representations. Sexuality.

¹ O artigo foi recebido em 22 de dezembro de 2011 e aprovado em 28 de agosto de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em Ciências da Religião, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo/SP, Brasil, e coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal. Contato: sanduarte@uol.com.br

Introdução

A abordagem do tema AIDS e religião implica a necessária discussão da religião além dos limites institucionais que o termo possa sugerir. Trataremos aqui da religião como sistema de sentido, como sistema de produção de significados e, portanto, como sistema cultural. Toda cultura resulta de relações sociais desiguais, sendo produto das relações de força que se estabelecem numa dada configuração social. A legitimidade dos códigos culturais, sua aparente hegemonia, é fruto de uma tensa relação no campo social, e a religião não está alheia a tudo isso. Ela é um sistema de afirmação e transmissão de significados culturais dominantes. Conforme Clifford Geertz, ela é

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens [e mulheres] através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas³.

Como qualquer outro sistema cultural, a religião é produtora de sentido, é mecanismo de objetivação e, particularmente, de sacralização de determinados aspectos culturais. Ela é ética, no sentido de imprimir um senso de obrigação ao sujeito (*ethos*) e metafísica, na medida em que expressa o que Geertz denomina de “natureza fundamental da realidade” (cosmovisão).⁴ A religião cria e/ou reproduz representações que, em maior ou menor grau, terão alguma influência na sociedade mais ampla. Ela atua na maneira como os sujeitos sociais se reconhecem, isto é, no processo de modelagem da subjetividade dos sujeitos sociais; e na forma como esses sujeitos reconhecem o outro, isto é, outros sujeitos, instituições e sistemas de sentido. A religião dialoga com sistemas simbólicos diversos, afetando e sendo afetada pelos sentidos comunicados por tais sistemas. É a partir dessa perspectiva que nos propomos a abordar o tema AIDS e religião, tratando especificamente das representações católicas construídas em torno desse tema e de suas implicações para a dinâmica social.

AIDS e fatores multiculturais

As representações religiosas dominantes da AIDS e dos homens e mulheres que vivem com AIDS estão em diálogo com as representações culturais mais amplas a esse respeito. O processo de construção do discurso médico sobre a AIDS que data do início da década de 1980 está repleto de representações estigmatizantes da síndrome e de seus portadores. Quando de sua identificação, a AIDS foi associada a determinados segmentos, os chamados grupos de risco. Entendia-se que a doença acometia exclusivamente pessoas de orientação homossexual, usuários de drogas injetáveis e pessoas que se dedicavam à prostituição. Em outras palavras, acreditava-se nos mais

³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 104-105.

⁴ GEERTZ, 1989, p. 144.

diferentes meios que a AIDS era problema de pessoas consideradas *moralmente questionáveis*. Ela seria uma consequência de comportamentos reprovados pela sociedade. De acordo com Nilda Teves Ferreira, a AIDS

foi marcada como uma doença moral, adjetivando a morte do portador do HIV por meio de códigos socialmente constituídos. Em consonância com as próprias expectativas da sociedade, a ciência identificava anticorpos do vírus HIV no organismo de pessoas que podiam facilmente ser delimitadas dentro de um “grupo” com determinados códigos de comportamento. Estavam firmados o preconceito, o terror e o isolamento, esquecendo-se que, no entanto, grupos humanos não vivem isolados nem são imóveis. Dava-se muito mais importância, por exemplo, ao contágio pelo HIV via drogas intravenosas ou relações homossexuais⁵.

Isso criou a falsa ideia de que pessoas que não pertenciam a esses grupos estariam imunes ao contágio pelo vírus. Essa seria uma doença do outro, isto é, os praticantes do *sexo lícito*, de acordo com a ordem objetivada (inclua-se aí a religião), e os não praticantes de sexo bem como os não consumidores de drogas injetáveis não precisariam se preocupar com o contágio pelo vírus. Também se produziu uma segunda falsa ideia de que todas as pessoas de orientação homossexual ou consumidoras de drogas intravenosas estariam contaminadas pelo HIV; e ainda uma terceira falsa ideia de que toda pessoa de orientação homossexual é consumidora de drogas. A noção de grupo de risco acumulou preconceitos, estabeleceu a crença numa suposta blindagem para os sujeitos sociais que se comportavam de acordo com os padrões culturais estabelecidos como *naturais* e condenou à morte social os vivos acometidos pela AIDS.

Conforme Marilena Chauí, todo sistema de valores e saberes é sistema de preconceitos⁶, e isso foi o que se verificou no tratamento do tema AIDS. A significação da sexualidade baseada na noção de sexo permitido e sexo proibido, sustentada pela heterossexualidade paradigmática, simplificou, no sentido reducionista do verbo, o olhar científico, midiático e religioso sobre a AIDS. O mesmo ocorreu quanto ao consumo de drogas injetáveis, considerado como um *caminho natural* para o contágio pelo vírus. De certa forma, houve uma convergência dos discursos médico, midiático e religioso a esse respeito.

No artigo *A palha das palavras e o grão das coisas*, Edson Olivari de Castro e Marcio Aparecido Mariguela⁷ também demonstram a estreita relação entre o regime de valores morais que significa as sociedades ocidentais e o discurso médico sobre a AIDS. Eles chamam a atenção para a história social da AIDS, destacando a multiplicidade de fatores que a envolvem, e criticam abordagens que reduzem sua compreen-

⁵ FERREIRA, Nilda Teves. Corpo e esporte: símbolos da sociedade contemporânea. In: MOREIRA, W.W. & SIMÕES, R. (Orgs.). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: UNIMEP, 2000. p. 190.

⁶ CHAUI, Marilena. Senso comum e transparência. In: LERNER, J. (Ed.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997. p. 67-77.

⁷ CASTRO, Edson Olivari e MARIGUELA, Marcio Aparecido. A palha das palavras e o grão das coisas. *Impulso*, Piracicaba: UNIMEP, n. 31, p. 9-20, set./dez. 2002.

são à *relação unívoca HIV/AIDS*⁸. A ciência, apesar de ter adquirido certo caráter dogmático nas sociedades ocidentais contemporâneas, é também sistema de sentido, e como tal significa as coisas a partir de um lugar específico. Abordar a AIDS como uma infecção pelo vírus HIV ou entendê-la em sua complexidade como uma síndrome reorienta a própria concepção de ciência, explicitando a interdependência dos mais variados fatores que envolvem esse tema:

Se abordarmos a AIDS como síndrome, poderemos apreender as múltiplas relações que atravessam os sujeitos, de tal modo que a questão da infecção viral e a da destruição do sistema imunológico possam ser recolocadas juntamente e a partir dos fatores psíquicos, das condições sociais e do regime de valores morais, nos quais estamos todos inseridos⁹.

Isso possibilitaria uma abordagem transdisciplinar do fenômeno, e o próprio enfrentamento da síndrome, o investimento em pesquisas e o desenvolvimento de políticas públicas etc. seriam melhor orientados, pois eles estão relacionados com as formas de subjetivação da AIDS em nossa sociedade. Castro e Mariguela defendem a importância dos fatores multicausais para o desenvolvimento de “um trabalho transdisciplinar que torne possível a convergência e o entrelaçamento de diferentes discursos na abordagem da epidemia da AIDS e da cultura da qual ela emerge”¹⁰.

Há uma tendência no meio científico, na estrutura política e na forma como a mídia noticia a AIDS, a ignorar os múltiplos fatores culturais, sociais, psicológicos e religiosos que concorrem no processo de recepção do discurso e da ação que a envolvem. Essa ignorância tem como saldo, por exemplo, o crescimento do número de mulheres idosas, casadas, heterossexuais e monogâmicas infectadas pelo vírus da AIDS por intermédio de seus maridos.

Em pesquisa realizada pela Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo divulgada em 2008, junto à população atendida no Instituto de Infectologia Emilio Ribas¹¹, constatou-se que 75% das mulheres acima de 60 anos que haviam sido infectadas pelo vírus da AIDS o foram por seus próprios esposos. A compreensão desse quadro demanda atenção para vários fatores. Os fatores biológicos evidenciam-se, por exemplo, nas disfunções hormonais advindas da idade, e têm implicações diretas sobre a libido de algumas mulheres, que experimentam a diminuição progressiva de seu desejo sexual. Esse dado biológico, segundo Jean Gorinchteyn, coordenador da pesquisa, explicaria parcialmente o aumento do número de mulheres idosas que contraíram AIDS nos últimos anos, considerando que seus parceiros buscariam relacionamentos extraconjugais para suprir suas demandas sexuais. Mas há fatores além dos biológicos que envolvem as representações de gênero de nossa sociedade. A própria perda da

⁸ CASTRO e MARIGUELA, 2002, p. 12.

⁹ CASTRO e MARIGUELA, 2002, p. 12.

¹⁰ CASTRO e MARIGUELA, 2002, p. 18.

¹¹ ROMERO, Thiago. Transmissão conjugal. In: *Agência FAPESP*, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.agencia.fapesp.br/8649>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

libido pode estar relacionada a fatores de gênero como, por exemplo, as estressantes demandas domésticas cotidianas que recaem quase que exclusivamente sobre as mulheres, levando-as ao cansaço extremo e à pouca disposição para o sexo; a perda do vigor físico que, diante da imposição cultural de uma estética corporal inalcançável, leva as mulheres idosas a terem mais dificuldades de aceitação de seus corpos e, portanto, a terem menos prazer no relacionamento sexual; a sensação de *dever cumprido* diante do casamento entendido basicamente como uma obrigação para a procriação (especialmente reforçado pela religião) e que, a partir da menopausa, faz com que algumas mulheres sintam-se liberadas de fazer sexo com seus maridos com a mesma frequência que na juventude etc. Um outro dado referente ao contágio de mulheres casadas idosas tem a ver com a noção de casamento estável, que ainda povoa o imaginário feminino, levando muitas mulheres a acreditarem estar imunes à contaminação por serem casadas ou, ainda mais grave, a nem ao menos considerarem a possibilidade de sua vulnerabilidade. A AIDS seria a doença dos outros. Daqueles e daquelas que vivem uma sexualidade *desregrada*. A tradição cristã tende a fortalecer essa ideia. Isso está tão impregnado no imaginário dessas mulheres, que o uso do preservativo se apresenta como completamente dispensável. Além disso, o preservativo para parte significativa dessas mulheres é erroneamente associado à prevenção da gravidez¹², condição à qual elas já não mais estão sujeitas. Por outro lado, não podemos deixar de mencionar que mulheres de todas as idades, por força das desigualdades de gênero, se veem enfraquecidas na negociação pelo uso do preservativo, o que as deixa mais vulneráveis à contaminação.

No caso dos homens idosos participantes da pesquisa acima citada da Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo, 80% foram infectados em relações sexuais extraconjugais. É importante destacar que as representações sociais da masculinidade desempenham um importante papel nesse quadro. A masculinidade é um valor social, prescrevendo comportamentos e constituindo identidades, e o exercício da sexualidade tem forte influência sobre a autopercepção dos homens e sobre sua percepção social. As drogas destinadas a combater a disfunção erétil prolongaram a vida sexual dos homens, e isso elevou os índices de relacionamentos extraconjugais de homens idosos casados. Esse dado não está descolado da educação para a virilidade, que desde cedo é experimentada pelos homens.

Romeu Gomes¹³, em estudo sobre a sexualidade masculina e as questões de saúde que dela depreendem, ressaltou as implicações de gênero sobre a forma como os homens percebem a si mesmos e aos outros. Em entrevista a Katia Machado, da revista *Radis*, Gomes afirma que “no imaginário social, ainda há idéias que tratam a sexualidade masculina como aquela que é desenfreada, dominadora e que deve ser provada a todo o momento, ou como aquela que exhibe bom desempenho”¹⁴. O padrão

¹² Essa percepção do uso do preservativo também está presente entre homens idosos.

¹³ GOMES, Romeu. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

¹⁴ GOMES, Romeu. Os homens cuidam pouco da saúde. Entrevista a Katia Machado. Revista *Radis*, n. 74, p. 10, out. 2008. Disponível em: <http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/74/pdf/radis_74.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.

hegemônico de masculinidade afirma o homem como aquele que está em atividade sexual permanente, seja na prática regular do sexo, no discurso sobre o sexo e/ou no consumo de produtos que sugiram sexo.

Apesar de termos nos dedicado a exemplificar os múltiplos fatores culturais que envolvem a discussão da AIDS a partir do contágio da população idosa, isso se aplica a qualquer outro segmento social de qualquer faixa etária. O fato é que a abordagem da AIDS não pode estar alheia a essa multiplicidade de sentidos que orientam os sujeitos em sociedade.

Mas de que forma a religião, como parte da trama cultural de sentidos, atua no processo de produção, transmissão, sedimentação e recepção das representações da AIDS na sociedade mais ampla? Em que medida as representações religiosas acerca da sexualidade influenciam essa discussão?

A propósito da regulação religiosa da sexualidade

Marcel Mauss, no texto *As técnicas corporais*, descreve como as diferentes culturas desenvolvem maneiras próprias de educação e disciplinamento dos corpos. Segundo ele, “é por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos”¹⁵. O corpo “é o instrumento primeiro e o mais natural objeto técnico do ser humano onde são inscritas as tradições de todo sistema da sociedade”¹⁶. Conforme Susan Bordo¹⁷, o corpo é “agente da cultura”, estando sujeito às suas normas e às suas ações disciplinadoras. Ele é um lugar privilegiado de exercício do poder. Michel Foucault já afirmara isso em sua *História da Sexualidade*. Segundo ele, o controle e a regulação dos corpos têm marcado a história da cultura ocidental, em especial no que se refere à sexualidade. Foucault argumenta que a sexualidade envolve relações de poder “entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população”¹⁸.

Os corpos e os usos dos corpos são culturalmente definidos. Nos corpos se inscrevem os sentidos socioculturais, sentidos que se traduzem entre permitido e proibido. Neles estão impressas as objetivações culturais e sobre eles se depositam as expectativas sociais. A existência corpórea não está dissociada da experiência cultural, que é a que determina os usos legítimos dos corpos. Quais seriam então os usos legítimos dos corpos de acordo com a cosmovisão católica? É possível falar em uma cosmovisão homogênea a esse respeito?

¹⁵ MAUSS, Marcel. As técnicas corporais: a noção de pessoa. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. p. 217.

¹⁶ MAUSS, 1974, p. 217.

¹⁷ BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 98.

É importante lembrar que o controle sobre os corpos sempre foi objeto do desejo das religiões. O cristianismo não foge à regra. Mas é preciso destacar que as normatizações cristãs do corpo têm suas bases na antiguidade. Uta Ranke-Heinemann é categórica a esse respeito: “Não é verdade que o cristianismo trouxe o autocontrole e o ascetismo ao mundo pagão que se deliciava com os prazeres e com o corpo. Pelo contrário, a hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da antiguidade que foi singularmente preservado até hoje no cristianismo”¹⁹.

O cristianismo é herdeiro dessa cosmovisão hostil ao corpo, absorvendo-a e adaptando-a às suas demandas. Isso é importante, uma vez que desde o início deste pequeno artigo estamos insistindo nas interconexões entre os diversos sistemas de sentido. Essa hostilidade ao corpo e às experiências corporais terá efeito direto sobre a relação entre catolicismo e sexualidade.

O binômio “religião e sexualidade” parece encerrar dois termos em tensão, ou conforme Luiz Fernando Dias Duarte, eles poderiam sugerir à primeira vista “uma perfeita antítese”²⁰. Essa antítese, porém, é apenas aparente, pois a gramática social conjuga religião e sexualidade de maneira tal, que essas produzem um texto lógico e coerente. Entendemos essa *coerência* como convergência de alguns sentidos que se sobrepõem a outros. É aí que se instalam as diferentes forças de significação socio-cultural. Os sentidos objetivados, isto é, normalizados, possuem força de regulação, de normalização, e a religião contribui para essa objetivação da semântica cultural, naturalizando-a e sacralizando-a.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que falamos do poder significativo da religião em relação à sexualidade, estamos em um contexto de relativização da religião enquanto matriz produtora de significado, o que implica a relativização também de seu poder normatizador. As dissonâncias entre discursos institucionais religiosos sobre a sexualidade; entre discursos institucionais religiosos e práticas dos sujeitos religiosos; entre discursos e práticas dos sujeitos religiosos, evidenciam que a ortodoxia do discurso institucional no quesito “sexualidade” se defronta com a heterodoxia dos discursos e das práticas dos sujeitos religiosos.

Além disso, o próprio discurso institucional é nuançado por seus representantes, que têm produzido novas cosmovisões acerca da sexualidade. Na verdade, não se trata apenas de produzir novas cosmovisões acerca da sexualidade, mas também de fazer emergir aquelas que têm sido caladas no decorrer da história.

¹⁹ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. p. 21.

²⁰ DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 137.

As representações religiosas da AIDS a partir das representações religiosas da sexualidade

Se tomarmos a tradição católica, as representações dominantes da sexualidade a reduzem, não raras vezes, à genitalidade. O sexo, segundo essa tradição, está atrelado ao casamento. Também há uma tendência à negatização do sexo, que seria um *mal necessário* à procriação²¹ ou, no mínimo, que o sexo tem como objetivo primeiro a geração de filhos. Essa concepção está fortemente presente no discurso, digamos, oficial da Igreja Católica, que, mesmo buscando relativizar essa negatividade, deixa transparecer em seus documentos a principal, senão exclusiva função do sexo: a reprodução. Basta um rápido levantamento das declarações de alguns documentos eclesiais do século XX para percebermos a ênfase desse aspecto como o mais legítimo para o ato sexual. Na encíclica *Casti Connubii* (Sobre o Matrimônio Cristão), publicada em 1930, o papa Pio XI declara que o ato conjugal é

por sua própria natureza, destinado à geração da prole [...] [porém], no uso do direito conjugal, há também fins secundários, como são o auxílio mútuo, fomentar o amor recíproco e aquietar a concupiscência, que os cônjuges de nenhum modo estão proibidos de desejar, contanto que se respeite a natureza intrínseca do ato e, por conseguinte, a sua subordinação ao fim principal²².

Em 1965, o Concílio Vaticano II, com a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, propôs algumas mudanças em relação ao casamento e à finalidade do sexo no contexto conjugal, afirmando a legitimidade do exercício sexual entre marido e mulher como possibilidade de testemunho e desenvolvimento da mútua “doação pela qual os esposos se enriquecem com o coração alegre e agradecido”²³. O núcleo do matrimônio, entretanto, continua sendo a geração de filhos. O casamento estaria destinado “à procriação e à educação dos filhos em que culminam como numa coroa”²⁴. Porém a *Gaudium et Spes* prevê a paternidade e a maternidade responsáveis, desde que os procedimentos para evitar o aumento da prole não contrariem as determinações da igreja. O documento não especifica que determinações são essas, mas aponta a castidade conjugal como caminho e deixa em aberto a discussão sobre a contracepção. Isso vai gerar muitos debates na Pontifícia Comissão sobre a População, a Família e a Natalidade, assim como em outros segmentos da igreja e na sociedade em geral, o que explicita as fissuras de um discurso que se pretende homogêneo.

Na *Humanae Vitae*, encíclica publicada em 1968, o papa Paulo VI não cede às propostas da maioria dos membros da Comissão sobre a População, a Família e a

²¹ É importante lembrar que a tradição cristã exaltou a prática celibatária como a forma mais louvável de acesso ao sagrado. A esse respeito, ver RANKE-HEINEMANN, 1996.

²² *Casti Connubii*, parágrafos 53 e 57. Extraído de DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Pio XI*. São Paulo: Paulus, 1997. v. 9, p. 233-234.

²³ *Gaudium et Spes*, parágrafo 49. Extraído de COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1986.

²⁴ *Gaudium et Spes*, parágrafo 48.

Natalidade pós Concílio Vaticano II no que se refere aos métodos contraceptivos. No uso de sua autoridade pontifícia, Paulo VI contraria a ideia de uma flexibilização da igreja a esse respeito, que era a tendência predominante na comissão. Isso é apenas consequência de algo muito mais complexo: a noção de casamento propugnada pela Igreja Católica. Segundo a carta, “qualquer ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida”²⁵, sendo veementemente rejeitada qualquer tentativa de frustração desse processo.

Isso também é enfatizado no Catecismo da Igreja Católica²⁶, que afirma a sacralidade do matrimônio, sua indissolubilidade; define o casamento como a união entre um homem e uma mulher e, em seu artigo 347, classifica como *pecado gravemente contrário ao sacramento do matrimônio* a “rejeição da fecundidade, que priva a vida conjugal do dom dos filhos”.

Essa ideologia restritiva da sexualidade, pela qual os sujeitos católicos supostamente deveriam se orientar, traz uma série de consequências para o debate sobre a AIDS na sociedade contemporânea. A compreensão do casamento heterossexual como único lugar legítimo e sagrado para a experiência sexual, a afirmação da geração de filhos como propósito primeiro do casamento e, conseqüentemente, a proibição do uso de métodos contraceptivos e do uso de preservativos, tenta encarcerar os desejos e os prazeres, almejando fazê-los reféns das determinações religiosas, garantindo, em troca, uma espécie de imunidade à doença.

Não é demais pontuar que essa política do uso dos corpos tem consequências diferenciadas para homens e mulheres. Mary Daly²⁷ afirma que na tradição cristã as mulheres são concebidas a partir do seu sexo, estando sujeitas à constante regulação religiosa. Essa regulação pode se dar de diversas maneiras, mas tem por objetivo determinar os usos dos corpos das mulheres, regulando suas ações e percepções. A noção predominante no catolicismo do casamento como *destino natural* das mulheres tem sérias implicações para a sua autonomia, inclusive para a sua autonomia sexual. Essa noção nega às mulheres outras possibilidades de realização que não a do casamento e as priva do controle de sua própria sexualidade. O casamento seria o único lugar legítimo para a experiência sexual, tendo como fim último a geração de filhos. A concepção do sexo para a procriação certamente tem maiores consequências para as mulheres, que são mais sobrecarregadas com os encargos culturais da maternidade. Além disso, essa concepção fragiliza as mulheres inclusive no processo de negociação para o uso do preservativo. Em tempos de AIDS, esse é mais um agravante para as mulheres.

²⁵ HUMANA E VITAE. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html>. Acesso em: 19 dez. 2011.

²⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#>. Acesso em: 19 dez. 2011.

²⁷ DALY, Mary. El cristianismo: una história de contradicciones. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (Eds.). *Del cielo a la tierra: una antología de teología feminista*. Santiago-Chile: Sello Azul, 1994. p. 72.

Na tentativa desesperada de controle, a Igreja Católica, por intermédio de alguns de seus representantes, tem-se pronunciado de maneira a não contribuir com o enfrentamento da AIDS. Dom Luciano Mendes de Almeida, em 1988, quando do lançamento da campanha de prevenção à AIDS pelo uso da camisinha, afirmou:

Não há motivo para apoiar uma campanha de prevenção à Aids que faça o aconselhamento do uso da camisinha como forma de se evitar o contágio via pessoal. O mais importante é dar destaque à educação da população no sentido de que faça uso ordenado do sexo dentro da vida conjugal, evitando as relações ilícitas²⁸.

Na campanha de 1994, a propósito da distribuição de preservativos para a população, novamente Dom Luciano se pronunciou: “Aproveitamos o medo da AIDS para fazer a difusão do sexo livre. Essa campanha não se pergunta se o sexo tem a ver com a conduta pessoal de cada cidadão”²⁹.

O apelo a uma sexualidade contida subjaz à fala de outros representantes da Igreja Católica. Em 2004, Dom Rafael Llano Cifuentes, presidente da Comissão Família e Vida – CNBB, em crítica à campanha pela prevenção de DSTs por meio do uso de preservativo, afirmou: “a campanha trata relações sexuais promíscuas como se fossem inevitáveis”³⁰.

As representações religiosas da AIDS têm servido aos intentos reguladores das instituições religiosas. As expressões “relações [sexuais] ilícitas” e “relações sexuais *promíscuas*” podem ser traduzidas por sexo fora do casamento, sexo não destinado à geração de filhos, homossexualidade e quaisquer outras manifestações da sexualidade que fujam aos padrões convencionados pela Igreja Católica. Em seu desejo de poder sobre os corpos, a igreja cria barreiras ao combate da doença, estigmatizando-a.

Considerações finais: as dissonâncias provocadas pela vida concreta

Certamente houve e há dissonâncias no discurso e nas práticas da Igreja Católica. É importante dizer que, apesar de apresentar-se como um discurso homogêneo, o discurso católico é de uma heterogeneidade ímpar, inclusive no quesito sexualidade. Os líderes religiosos, sejam eles sacerdotes, freiras, líderes de pastorais e outros agentes, são hermenutas ativos no processo de transmissão do discurso religioso, interagindo com os conteúdos afirmados pela tradição religiosa. Esses homens e essas mulheres, muitas vezes, interpretam, ressignificam e até reinventam o discurso oficial, minimizando os efeitos desse discurso sobre a vida dos sujeitos religiosos. Muito mais próximos da vida real dos sujeitos, pois atuam em comunidades locais, esses representantes religiosos podem (nem sempre o fazem) contribuir com uma nova forma de ser da Igreja Católica.

²⁸ FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 06 de fevereiro de 1988.

²⁹ JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1994.

³⁰ O GLOBO, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2004.

O padre Valeriano Paitoni, por exemplo, afirmou que “no caso da Aids, o uso da camisinha não é mais uma questão moral, e sim de saúde pública”³¹. Essa afirmação destoa do discurso oficial da igreja, mas é cada vez mais comum ouvi-la da boca de seus representantes. Há 33 anos no Brasil atuando com pessoas infectadas pelo HIV, a experiência do padre Valeriano junto a pessoas com AIDS o fez enxergar a distância entre o que é propugnado pela oficialidade católica e a vida dos sujeitos.³²

A Igreja Católica no Brasil também criou a Pastoral da AIDS. Essa pastoral atua no campo da informação, da prevenção e da formação. Dentre algumas de suas atividades estão: o incentivo ao diagnóstico do HIV com o desenvolvimento de campanhas para a realização do chamado “teste da AIDS” e a realização de palestras e oficinas sobre HIV/AIDS. Além disso, há uma série de centros católicos de assistência a pessoas que vivem com AIDS ou convivem com pessoas com AIDS. Esses serviços têm sido fundamentais no enfrentamento da doença e estão criando uma nova forma de ser igreja.

Num país religioso como o Brasil e com uma forte presença institucional das religiões, as parcerias do Estado com os mais diversos segmentos religiosos no combate à AIDS são imprescindíveis. No caso do catolicismo, estamos falando de cerca de 200 mil igrejas só no Brasil. As políticas públicas destinadas ao enfrentamento da doença precisam estabelecer pelo menos duas formas de aproximação com a religião: 1. A busca de parcerias com instituições religiosas para acessar os sujeitos religiosos naqueles lugares (físicos e simbólicos) que o Estado não consegue alcançar; 2. A compreensão dos sistemas religiosos como sistemas estruturantes da sexualidade dos sujeitos religiosos e da percepção desses a respeito da sexualidade dos outros, pois isso ajudaria no combate ao preconceito contra as pessoas que vivem com AIDS.

Por fim, mais um indicador da não homogeneidade do discurso e das práticas da Igreja Católica acerca da sexualidade são as teólogas e os teólogos católicos que têm proposto abordagens teológicas que se aproximem efetivamente do cotidiano dos sujeitos religiosos, que sejam mais permeáveis à discussão de uma sexualidade integral, que sejam críticas à cultura patriarcal sobre a qual se sustentam as relações de dominação entre os sexos e que tem influência, inclusive, sobre o exercício da sexualidade.

Esses teólogos e teólogas têm desconstruído os discursos teológicos ditos oficiais, e têm problematizado a teologia moral dominante da Igreja Católica, desnaturalizando a sexualidade e colocando-a no campo da cultura. A desnaturalização da sexualidade permite o descortinamento de seu processo de produção, possibilita a explicitação da política cultural dos usos dos corpos, desinstala os discursos normativos sobre o sexo, permite a problematização do prazer sexual, da sexualidade normativa, da noção de família, da conjugalidade, da maternidade, da paternidade, da virgindade, da castidade e de muitos outros aspectos. Isso tem gerado importantes mudanças nas

³¹ O ESTADO DE S. PAULO, São Paulo, 14 de junho de 2000.

³² As oposições ao padre por parte de seus superiores são muitas, e em abril de 2011 houve a tentativa de transferi-lo para a Itália.

representações religiosas sobre as identidades de gênero, sobre a sexualidade e sobre a própria AIDS. São essas discussões e práticas em tempos de AIDS que permitem que da vida concreta dos sujeitos se faça teologia.

Referências bibliográficas

- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41.
- CASTRO, Edson Olivari e MARIGUELA, Marcio Aparecido. A palha das palavras e o grão das coisas. *Impulso*, Piracicaba: UNIMEP, n. 31, p. 9-20, set./dez. 2002.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#>. Acesso em: 19 dez. 2011.
- CHAUÍ, Marilena. Senso comum e transparência. In: LERNER, J. (Ed.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997. p. 67-77.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1986.
- DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Pio XI*. São Paulo: Paulus, 1997. v. 9.
- DALY, Mary. El cristianismo: una historia de contradicciones. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (Eds.). *Del cielo a la tierra: una antología de teología feminista*. Santiago-Chile: Sello Azul, 1994. p. 61-96.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 137-176.
- FERREIRA, Nilda Teves. Corpo e esporte: símbolos da sociedade contemporânea. In: MOREIRA, W.W. & SIMÕES, R. (Orgs.). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: UNIMEP, 2000.
- FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 06 de fevereiro de 1988.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Romeu. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- GOMES, Romeu. Os homens cuidam pouco da saúde. Entrevista a Katia Machado. *Revista Radis*, n. 74, p. 10, out. 2008. Disponível em: <http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/74/pdf/radis_74.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- HUMANAE VITAE. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html>. Acesso em: 19 dez. 2011.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1994.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais: a noção de pessoa. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- O ESTADO DE S. PAULO, São Paulo, 14 de junho de 2000.
- O GLOBO, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2004.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- ROMERO, Thiago. Transmissão conjugal. In: *Agência FAPESP*, São Paulo, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.agencia.fapesp.br/8649>>. Acesso em: 17 dez. 2011.